



# Encontro histórico da Pecuária do Brasil

Criadores, frigoríficos e profissionais discutem com franqueza, lado a lado, como melhorar eficiência da carne brasileira. Um momento histórico vivido em Campo Grande, na etapa do Circuito Expocorte

por ULISSES RIBA

**C**arne bovina em alta nos próximos dez anos. Embora sustentado por famílias que ultrapassam renda acima de sete dólares ao dia e migração da dieta humana para a proteína animal numa velocidade espantosa, com China no comando. Produção, exportação e importação subindo no planeta todo. Com Brasil na dianteira, tocado por terras férteis e abundância de água, artigos em falta em inúmeras regiões da Terra. Só existe em boa quantidade na Oceania, América do Norte e América do Sul, aqui apesar de mal distribuída. “A carne de ave não vai ser a líder de consumo por ser a mais barata e sim por ser a que menos recursos exige. De água, são 2.600 litros por animal. O suíno 6.000. A carne bovina 16.000. Trigo e arroz, por exemplo, são produzidos com bem menos. Mas os pecuaristas não devem ficar preocupados. Carne bovina ficará mais cara no mundo, mas terá demanda segura e crescente”, garantiu o especialista em mercado mundial de carnes Osler Desouzart. E mais, promete. Os produtos processados vão ficar cada vez mais baratos e o confinamento vai





Marcos Baruselli | DSM



Cleber Oliveira Soares | Embrapa Pecuária de Corte



Mauricio Nogueira | Agroconsult



imperar no lugar do pasto. “Exceto nas regiões alagadas e marcadas por cheias periódicas”, apontou Osler. O novo “mundo das carnes” vai exigir uma produção 217 milhões de toneladas a mais de carne de bovinos, aves e suínos. Um salto de 77% nos próximos cinquenta anos. E até 2023, a bovina é a única que vai ter produção forte em elevação, ‘capitaneada’ pelos países em desenvolvimento. E com a segunda posição em termos de comercialização. Só no Brasil, produção de onze milhões de toneladas por ano. Em grande parte, graças ao Planeta China e seu exército de novos 255 milhões de urbanóides, crescimento de 7,5% ao ano, consumo per capita de carnes saltando de 20kg/habitante/ano para 35kg/habitante/ano e fome adicional de mais 20 milhões de toneladas de grãos até 2022. “Não vai haver mais carne bovina barata. A arroba no Brasil saltou de 24 para 55 dólares nos últimos 19 anos. Um movimento que vai permanecer aqui e no exterior. E nosso país vai continuar sendo o maior exportador e segundo maior consumidor. Mas precisa questionar a si mesmo: até quando pasto, ineficiência, falta de planejamento de longo prazo e produtividade de 1,1 cabeça por hectare?”, provocou Osler Desouzart.

A resposta pode estar em momentos únicos, como o vivido naquela manhã de inverno em Campo Grande, durante a segunda etapa do Circuito Expocorte. Um debate entre criadores e um frigorífico marcadamente exportador. Divergências à flor da pele, mas vontade de atingir o mesmo objetivo: produzir e vender carcaça de mais qualidade. Animais uniformes e de acordo com o gosto de cada freguês. Ter negócios rentáveis e em crescimento. “A pecuária brasileira é poderosa, mas devemos e podemos avançar muito em eficiência. Desfrute, peso, natalidade, lotação e peso de carcaça. O curral dos frigoríficos é uma miscelânea e isto é ruim para criador e matadouro”,



explicou Fabiano Tito Rosa, o novo gerente executivo de compra de gado do Minerva S/A, que exporta quase 80% do gado que abate.

A pecuária que vende para o mundo realmente tem um bom caminho a percorrer. Produz bezerros com 150 quilogramas, usa no máximo 5% dos bezerros no creep feeding, período nascimento-desmama, e ainda convive com realidades de sete milhões de hectares de pastos degradados somente num Estado da Federação (Mato Grosso do Sul). Tarefa de escola para o criador?

Pode ser, mas quem está lá na fazenda também quer gritar. Palavras como peso na balança, boi inteiro, valorização da boa carcaça. “Precisamos conversar sem desconanças de ambas as partes. O peso é um fator importante e é necessário avançarmos aqui. Trabalhamos atualmente com o projeto de enviar e trocar as informações do romaneio e a segunda etapa é tratar de certificar a pesagem, por mais uma balança e discutir com o frigorífico limpeza e rendimento da carcaça”, informou Rogério Beretta, superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso do Sul (Senar-MS).

O debate avança. “Temos unidade com quatro balanças, mas caixa preta. Logo, o que importa é a informação, a transparência. O Brasil já teve sistemas que tentaram avançar neste ponto, mas não evoluiu. O correto agora é refletirmos: onde erramos?”, aconselhou Fabiano Rosa, de olho num entendimento com criadores, recebimentos de animais mais uniformes e com um pé na China, com escritório sendo aberto lá para aproveitar o bom momento propiciado pela queda do embargo decretado pelo gigante importador. “Não podemos deixar de pensar que nosso país é muito grande e isto pode provocar soluções diferentes, de acordo com realidades bem distintas. Tanto na pesagem, entrada do matadouro, quanto no animal.

## MAIOR CADEIA DE CARNE BOVINA DO MUNDO



- 170.000.000 de hectares
- 208.000.00 de cabeças (rebanho)
- 43,3 milhões de cabeças abatidas em um ano | Segundo maior do mundo
- 10,2 milhões de toneladas de produção
- 503.000 cabeças vivas exportadas
- 2.000.000 de toneladas equivalente carcaça de exportação
- 41 kg/habitante/ano de consumo per capita



Gustavo Junqueira | Sociedade Rural Brasileira



Diêde Lbureiro | Phibro



Francisco Vila | Sociedade Rural Brasileira



Alexandre Scaff | Novilho Precoco





Osler Desouzart | OD Consulting

## BRASIL EXPORT

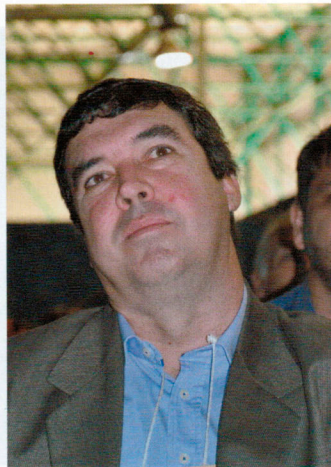


- 76,6% in natura
- 12,7% industrializada
- 10,7% miúdos/outros
- Maiores compradores: Rússia, Hong Kong, Chile e China

## BOI NO "FIM DO TÚNEL"



- Desfrute: 20,8%
- Confinamento: 4,05 milhões de cabeças | 9,3% da produção
- Carcaça: Uniformidade | Precocidade | Cobertura de gordura | PH Características específicas



Eduardo Riedel | Famasul



Fabiano Tito Rosa | Minerva Foods



Roberto Risolia | Down AgroSciences



Seneri Paludo | Secretário de Política Agrícola

Nada me tira da cabeça que boi inteiro, saudável, cresce e engorda no pasto, fazendo qualidade para os frigoríficos. Acredito no boi inteiro para exportação e Cota Hilton”, provocou e refletiu André Bartocci, diretor da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) e ligado à Associação Sul Matogrossense do Novilho Precoce. “Ok, se tiver padrão, o animal pode não ser castrado, sem problemas. Mas não vamos deixar de levar em consideração, lá fora, de que americanos e argentinos têm mercado porque mostram gordura e acabamento. Porque castram. Agora, não vejo impedimento a priori em trabalharmos com boi inteiro. Ai, fazemos a classificação no matadouro e checamos se há requisitos para bonificação, etc.”, argumentou o gerente de compra de gado do Minerva.

O pesquisador de recursos genéticos e melhoramento animal da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Antonio do Nascimento Rosa, insistiu na questão da carcaça de qualidade. “Os Estados Unidos conseguiram avançar em demasia com um programa sério de melhoramento. O pecuarista brasileiro só quer ser premiado quando entregar um animal superior”, reiterou. “Realmente, é justo premiar quem faz bem feito. Curral vazio é prejuízo no matadouro”, reforçou Ruy Fachini Filho, diretor da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul). “Concordo que os americanos evoluíram e somos os primeiros a reconhecer quando uma carcaça boa chega ao Minerva. Mas, se tivéssemos política de bonificação, teria que penalizar quando recebemos bois com cobertura excessiva ou outros problemas”, respondeu Fabiano Tito. “Este é um debate sensacional. Um momento único em que refletimos e colocamos todas as posições na mesa. E eu gostaria de colocar mais uma, que é o exagero que foi cometido em nome de preservação



ambiental. O que vem penalizando financeiramente produtores e frigoríficos”, apontou o especialista Maurício Palma Nogueira, diretor da Agroconsult. Uma consideração que foi abraçada por todos. “É uma questão tão complexa que ainda estamos no estágio de discutir se foi criado no Pantanal ainda é legal ou não”, ironizou André Bartocci. “Aqui no Estado, o Ministério Público Federal fala em resíduos, alimentos contaminados e até criaram um fórum para discutir o assunto. Mas eles não contam com um laboratório para fazer análises. Isto é, debatem sobre um assunto que não existe na prática”, revelou Rogério Beretta. “Temos que ser mais respeitados. Hoje, fiscais do Ministério do Trabalho e o Ministério Público entram nas propriedades e falam em assinar termos, sermos acionados. Não pode ser assim. Mas o trabalho vai ser longo”, reconheceu Ruy Fachini Filho. “Temos a maior floresta e a maior pecuária do mundo. Provamos que as duas combinam, estamos produzindo mais em menos áreas, fazemos reserva legal, áreas de proteção, estamos atrás de mais eficiência. Reconheço que houve excessos nos termos acordados sobre meio ambiente, mas agora já foi. Precisamos de mais coordenação, brigar por nossos interesses. Só levamos pancada”, reclamou o diretor



Fabiano Tito Rosa e André Bartocci

de Minerva S/A. “É articular ações de marketing, valorização da carne bovina como fazem Estados Unidos, Uruguai, Argentina e Austrália”, indicou o diretor da Famasul. Realidade resumida em duas frases por André Bartocci. “Penso que uma associação específica trabalharia bem estas questões entre criadores e abatedores. Ainda não temos quem faça gol em nome da cadeia”. O futuro já foi desenhado. Quinze nações respondem pela maioria da produção, consumo, exportação e importação. E o clube vai permanecer pequeno. E nas mãos de poucas empresas. Gigantes ou em nichos. Todos lutando por mercados novos. É mais negócio do que aumentar volumes dentro de fronteiras antigas. O Brasil vai embalado por recordes de exportação, China e Rússia de olho no bife brasileiro. Mas o setor verde e amarelo ainda é muito heterogeneo, 2014 está complicado para repor animais e a logística de encontrar cabeças para abate está muito mais complexa para a indústria. E mais. Na média, ainda temos carne escura, com ph alto e cobertura de gordura ausente. “Ainda há um longo caminho para o gado brasileiro em termos de suplementação alimentar e uso de aditivos. O Brasil tem que fazer mais carne por hectare”, bradou Diede

Loureiro, da Phibro. “Já existe muita gente pensando numa atividade melhor, aumentando a produtividade, recuperando pastagens. A criação aceita tecnologia, muitas pessoas produzem 10 arrobas. Sem falar que, muitas vezes, pequenas decisões podem até dobrar a produção”, examinou Roberto Risolia, da Dow. Pois o Circuito Expocorte lançou os desafios para a Pecuária avançar ainda mais. Meta sócio-ambiental, atuação conjunta, promoção e participação em fóruns, defesa da cadeia, troca de informações e muita transparência nos dados. E para ser mais eficiente. Mais desfrute, natalidade, peso de carcaça e lotação. Mãos à obra!

## FUTURO DA PROTEÍNA ANIMAL



- Preços de grãos em patamar mais alto de estabilização a partir de 2015
- Dieta mundial no caminho das carnes
- Consumo a partir de US\$ 7 de rendimento diário
- Uso de 4x mais recursos naturais na comparação com os grãos
- Exigências com saúde animal
- Preocupação por Bem Estar Animal e biossegurança

## A CHINA TEM FOME

- 255 milhões de novos consumidores nas cidades até 2023
- PIB crescendo 7,5% ao ano
- Consumo de carnes em alta: 20,9 hoje | 35kg/habitante/ano em 2023
- Importação de 20 milhões de toneladas de grãos ao ano em 2022
- Hoje compra de Brasil, EUA, Austrália e Argentina